

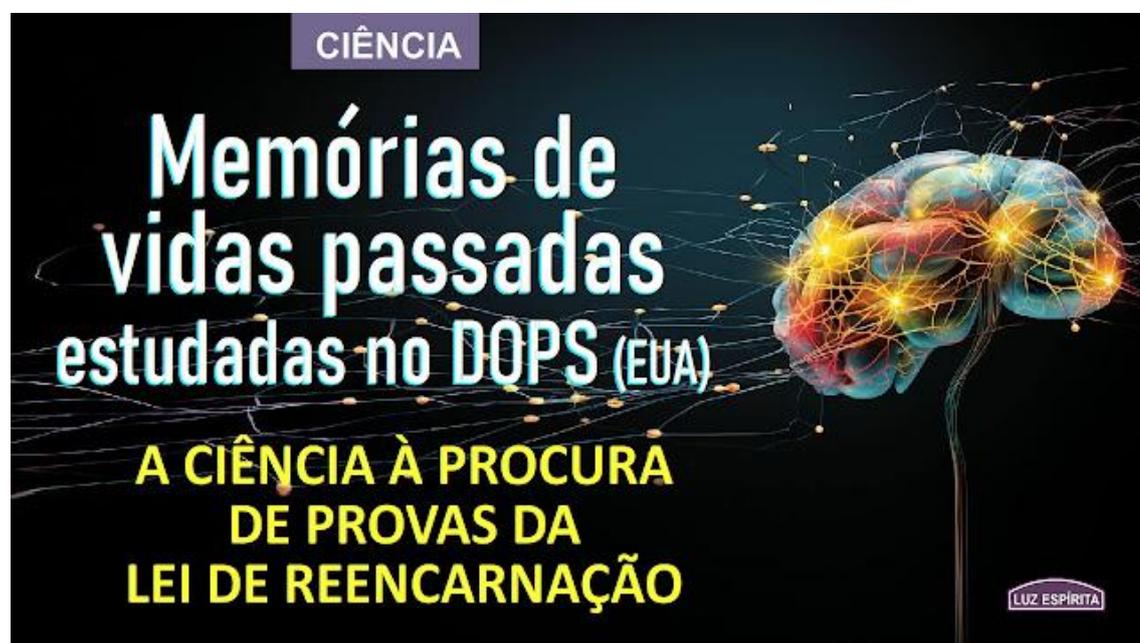
Dinâmica Espírita

REVISTA Nº 118

Março/2024

Curta nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/ceamorepaz>



Recentemente chamou a atenção dos espíritas e demais espiritualistas uma reportagem especial da revista *Época* e do jornal *O Globo*, traduzida da matéria de Saskia Solomon, do *The New York Times*: 'Existe vida após a morte? Cientistas estudam reencarnação e comunicação com o "além"; entenda'. O resumo é o seguinte: "Cientistas da Universidade da Virgínia investigam reencarnação e vida após a morte. Estudos sobre memórias de vidas passadas

desafiam conceitos convencionais, enquanto buscam respostas sobre a sobrevivência da consciência. O grupo, liderado por Jim Tucker, enfrenta críticas, mas mantém pesquisas rigorosas. O futuro do departamento e a continuidade das investigações sobre a reencarnação ainda estão em pauta."

Nós a reproduzimos aqui e acrescentamos nossos comentários no final.

Existe vida após a morte?

Cientistas estudam reencarnação e comunicação com o 'além'; entenda

Um pequeno grupo de acadêmicos da Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos, tentam descobrir a verdade por trás da morte

Em um escritório no centro de Charlottesville, Virgínia, um pequeno baú de couro fica em cima de um arquivo. Dentro há uma fechadura com combinação, fechada há mais de 50 anos. Quem colocou está morto.

Por si só, a fechadura não tem nada de especial: é uma daquelas usadas na academia. Possui um código de uma palavra de seis letras convertida em números que era conhecido apenas pelo psiquiatra Ian Stevenson, que o elaborou muito antes de morrer e anos antes de se aposentar como diretor da Divisão de Estudos Perceptivos (DOPS, em inglês), uma unidade de pesquisa parapsicológica que ele fundou na Faculdade de Medicina da Universidade da Virgínia em 1967.

Stevenson chamou esse experimento de Teste de Sobrevivência da Fechadura Combinada. Ele pensou que, se pudesse transmitir o código a alguém a partir do túmulo, poderia ajudar a responder as questões que o consumiram durante a vida: a comunicação do "além" é possível? Ou, simplesmente: a reencarnação é real?

Este último enigma — a sobrevivência da consciência após a morte — permanece na vanguarda da investigação da divisão. A equipe registrou centenas de casos de crianças que afirmam se lembrar de vidas passadas em todo o mundo, exceto na Antártida.

— Só porque não procuramos casos lá — disse Jim Tucker, que há mais de duas décadas investiga relatos de vidas passadas, e aposentou-se recentemente após ter sido diretor do DOPS desde 2015.

Para começar, foi um caminho inesperado.

— No que diz respeito à reencarnação em si, nunca tive um interesse especial nela — disse Tucker, que apenas pretendia ser psiquiatra infantil e foi, a certa altura, diretor da Clínica de Psiquiatria Infantil e Familiar da Universidade da Virgínia. — Nunca me ocorreu que acabaria neste trabalho.

Agora, aos 64 anos, depois de viajar pelo mundo para registrar casos de possíveis memórias de vidas passadas e depois de publicar seus próprios livros e artigos sobre o tema, ele deixou o cargo.

— Há um nível de estresse na medicina e na academia — refletiu. — Sempre há coisas que você deveria fazer, artigos que deveria escrever, receitas que deveria prescrever. Eu gostava do meu trabalho diário, tanto na clínica quanto no DOPS, mas chega um momento que você não está disposto a ter tantas responsabilidades e cobranças.

De acordo com anúncio de emprego publicado pela Faculdade de Medicina, além de reputação acadêmica, o candidato ideal para substituir Tucker deve ter “um histórico de pesquisas rigorosas sobre experiências humanas extraordinárias, como a relação da mente com o corpo e a possibilidade de que a consciência sobreviva à morte física”.

Nenhum dos oito membros principais da equipe possui a formação acadêmica necessária para desempenhar a função, por isso é necessário encontrar alguém de fora.

— Acho que há uma sensação de que seria rejuvenescedor para o grupo ter alguém de fora entrando — disse Jennifer Payne, vice-presidente de pesquisa do Departamento de Psiquiatria, que chefia o comitê de seleção.

Cientistas que se desviaram do caminho habitual

Tucker trabalhava muito quando aprendeu sobre o DOPS. Era 1996 e o jornal local *The Daily Progress* de Charlottesville traçou o perfil de Stevenson depois de receber financiamento para entrevistar pessoas sobre suas experiências de quase morte. Atraído pelo trabalho pioneiro, Tucker começou a trabalhar como voluntário na divisão antes de ingressar como pesquisador permanente.

Cada um dos investigadores da divisão dedicou suas carreiras — e, até certo ponto, arriscou suas reputações profissionais — ao estudo do chamado paranormal. Isso inclui experiências de quase morte e extracorpóreas, estados alterados de consciência e pesquisas de vidas passadas, que são abrangidas pela “parapsicologia”. São cientistas que se desviaram do caminho habitual.

O DOPS é uma instituição curiosa. Existem apenas alguns laboratórios no mundo que possuem linhas de pesquisa semelhantes — a Unidade de Parapsicologia Koestler da Universidade de Edimburgo, por exemplo —, mas o DOPS é a iniciativa mais proeminente. A única outra grande unidade de parapsicologia nos Estados Unidos era o Laboratório de Pesquisa de Anomalias de Engenharia de Princeton, ou PEAR, que se concentrava na telecinesia e na percepção extrassensorial. Essa unidade foi fechada em 2007.

Embora tecnicamente faça parte da Universidade da Virgínia, o DOPS ocupa quatro espaços semelhantes a condomínios dentro de um edifício residencial. Fica notavelmente longe do arborizado campus principal da universidade e a pelo menos alguns quilômetros da Faculdade de Medicina.

— Ninguém sabe que estamos aqui — disse Bruce Greyson, 78 anos, ex-diretor do DOPS e professor emérito de Psiquiatria e Ciências Neurocomportamentais na Universidade da Virgínia, que começou a trabalhar com Stevenson no final da década de 1970. — Ian era muito cauteloso em relação a isso. ele enfrentou muito preconceito. Ele manteve muita discrição.

Greyson recebeu muitas críticas antes de ingressar no DOPS. Ele havia trabalhado na Universidade de Michigan durante oito anos no início de sua carreira, mas seu interesse em experiências de quase morte começou a irritar outras pessoas.

— Disseram-me, sem rodeios, que eu não teria futuro se pesquisasse experiências de quase morte, porque isso não pode ser medido num tubo de ensaio— disse ele. — A menos que você pudesse quantificar isso com uma medida biológica, eles não queriam ouvir sobre isso.

Ele deixou Michigan e foi para a Universidade de Connecticut, onde passou 11 anos, e depois foi para o DOPS.

O clima dentro do DOPS é calmo e de estudos. Existem apenas alguns sinais das atividades da equipe. No laboratório subterrâneo há uma gaiola de Faraday revestida de cobre usada para testar indivíduos em experiências fora do corpo, e cabeças de manequim de espuma com tampas de EEG. No andar de cima, ao longo de toda a parede da Biblioteca Memorial Ian Stevenson, que possui mais de 5 mil livros e documentos relacionados à pesquisa de vidas passadas, há uma vitrine com uma coleção de facas, espadas e maças, armas descritas por crianças que se lembraram de um fim violento em sua vida anterior.

— Não se trata da arma em si, mas do tipo de arma usada — explicou Tucker.

Cada objeto é rotulado com detalhes intrincados, às vezes sangrentos. Uma das exposições contava a história de uma menina birmanesa, Ma Myint Thein, que nasceu com deformidades nos dedos e marcas de nascença nas costas e no pescoço.

"De acordo com os aldeões", dizia a placa, "o homem cuja vida ele lembrava foi assassinado, seus dedos foram extirpados e sua garganta foi cortada com uma espada".

Há também uma fotografia das mãos da menina, à direita faltam dois dedos.

O fato de as crianças que afirmam lembrar-se de vidas passadas serem mais prevalentes no sul da Ásia, onde a reencarnação é um princípio básico de muitas crenças religiosas, tem sido usado pelos críticos para desacreditar os estudos. Afinal, é certamente muito fácil encontrar provas corroborativas em locais onde existe uma crença pré-existente na reencarnação.

No entanto, a questão da vida após a morte tem sido uma preocupação existencial para os humanos ao longo dos tempos e, em muitas culturas, a reencarnação é um princípio central da crença. O budismo, religião na qual se acredita que existe uma jornada de 49 dias entre a morte e o renascimento; o hinduísmo, com o seu conceito de samsara, o ciclo sem fim; e as nações nativas americanas e da África Ocidental compartilham conceitos básicos semelhantes da alma ou espírito passando de uma vida para outra. Um inquérito da Pew Research de 2023 descobriu que um quarto dos americanos acredita que é “definitivamente ou provavelmente verdade” que as pessoas que morreram podem reencarnar.

Quando se trata de reivindicações de vidas passadas, a equipe do DOPS trabalha em casos que quase sempre vêm diretamente dos pais.

Entre os traços comuns das crianças que afirmam ter tido uma vida anterior estão a precocidade verbal e os modos que não coincidem com os do resto da família. Acredita-se também que fobias ou aversões inexplicáveis foram transferidas de uma existência passada. Em alguns casos, as memórias são extremamente claras: os nomes, profissões e peculiaridades de um grupo diferente de parentes, ou as particularidades das ruas onde moraram, e às vezes até lembram de acontecimentos históricos pouco conhecidos, detalhes que a criança não conseguiria saber.

Um dos casos mais famosos em que a equipe trabalhou foi o de James Leininger, um garoto americano que se lembrava de ter sido piloto de caça no Japão. O caso atraiu muita atenção do DOPS, mas também atraiu muitos detratores.

Ben Radford, vice-editor da *Skeptical Inquirer*, uma revista dedicada à pesquisa científica, acredita que o pensamento positivo e a ansiedade geral da morte impulsionaram um interesse crescente na reencarnação e encontra falhas na metodologia de pesquisa DOPS, que ele frequentemente diseca em seu blog.

— O fato é que, por mais sincera que a pessoa seja, muitas vezes as memórias recuperadas são falsas— disse ele.

A evidência não é impecável

Lembrado por muitos como um homem digno, com uma queda por ternos de três peças, Stevenson vivia para sua pesquisa. Ele quase nunca tirava folga.

— Certa vez, tive que passar no escritório na véspera de ano-novo e havia apenas um carro no estacionamento, e era o dele — lembra Tucker.

Nascido em 1918, Stevenson, que era canadense e se formou em história em St. Andrews antes de estudar bioquímica e psiquiatria na Universidade McGill, foi chefe do Departamento de Psiquiatria da Universidade da Virgínia por dez anos, até 1967.

No início da década de 1960, ele ficou desiludido com a medicina convencional. Numa entrevista ao *The New York Times* em 1999, ele disse que se sentiu atraído pelo estudo de vidas passadas devido ao seu “descontentamento com outras explicações da personalidade humana. Nem a psicanálise, nem o behaviorismo, nem a neurociência me satisfizeram. Parecia-me que faltava alguma coisa”.

Então ele começou a registrar potenciais casos de reencarnação, que viria a chamar de “casos do tipo reencarnação” (CORT). Foi um dos seus primeiros trabalhos de pesquisa CORT, de uma viagem à Índia em 1966, que chamou a atenção de Chester Carlson, o inventor da tecnologia por trás das fotocopiadoras Xerox. Foi o generoso apoio financeiro de Carlson que permitiu a Stevenson deixar seu cargo na Faculdade de Medicina e se dedicar integralmente à pesquisa de vidas passadas.

O reitor da Faculdade de Medicina da época, Kenneth Crispell, não aprovou essa incursão no paranormal. Ele ficou satisfeito quando Stevenson renunciou ao seu cargo no Departamento de Psiquiatria e, acreditando na liberdade acadêmica, concordou com a formação de uma pequena divisão de pesquisa. No entanto, qualquer esperança que Crispell tivesse de que Stevenson e suas ideias pouco ortodoxas desapareceriam nas sombras acadêmicas rapidamente

se esvaiu: Carlson morreu de ataque cardíaco em 1968 e, em seu testamento, legou US\$ 1 milhão para o projeto de Stevenson.

Embora nem toda a atenção tenha sido positiva nos primeiros anos da divisão, algumas pessoas na comunidade científica ficaram intrigadas.

"Ou Stevenson comete um erro colossal ou será conhecido como o Galileu do século XX", escreveu o psiquiatra Harold Lief num artigo de 1977 para o Journal of Nervous and Mental Disease.

Hoje, o DOPS continua a ser financiado inteiramente por doações privadas. Em outubro, foi anunciado que a divisão havia recebido o primeiro pagamento de uma doação de US\$ 1 milhão do Philip Rothenberg Legacy Fund, que será usada para financiar pesquisadores em início de carreira. Também dão o seu apoio as irmãs Bonner, Priscilla Bonner-Woolfan e Margerie Bonner-Lowry, atrizes de cinema mudo da década de 1920, cuja doação continua a financiar o funcionamento do DOPS. Outro apoiador improvável é o ator John Cleese, que encontrou a divisão pela primeira vez no Instituto Esalen, um retiro localizado em Big Sur, Califórnia.

— Essas pessoas se comportam como bons cientistas — disse Cleese em entrevista por telefone. — Os bons cientistas procuram a verdade: não querem apenas estar certos. Penso que é absolutamente surpreendente e bastante embaraçoso a forma como a teoria reducionista materialista ortodoxa contemporânea lida com todas as coisas, e há muitas, que não consegue explicar.

Nos primeiros anos do departamento, Stevenson viajou extensivamente ao redor do mundo e registrou mais de 2.500 casos de crianças que diziam se lembrar de vidas passadas. Nesta era pré-internet, descobrir tantas histórias e tendências semelhantes serviu para reforçar sua tese. Os resultados dessas excursões, recolhidos na caligrafia elegante de Stevenson, são armazenados por país em arquivos e estão em lento processo de digitalização.

A partir dessa base de dados, os investigadores tiraram conclusões que consideram interessantes. Os casos mais fortes, segundo os pesquisadores do DOPS, foram encontrados em crianças com menos de 10 anos, e a maioria das memórias geralmente ocorre entre 2 e 6 anos, idade a partir da qual parecem desaparecer. O tempo médio entre a morte e o renascimento é de cerca de 16 meses, período que os pesquisadores consideram uma forma de intervalo. Muitas vezes, a criança guarda lembranças que coincidem com a vida de um parente falecido.

Contudo, apesar de todo esse trabalho meticuloso, Stevenson estava ciente das limitações da pesquisa de vidas passadas. “A evidência não é impecável e certamente não obriga a tal crença”, explicou ele numa palestra na Universidade do Sudoeste da Louisiana (agora Universidade da Louisiana em Lafayette) em 1989. “Mesmo o melhor está aberto a interpretações alternativas, e só podem ser censurados aqueles que dizem que não há provas.”

— Ian achava que a reencarnação era a melhor explicação, mas não tinha certeza — disse Greyson. — Achei que muitos dos casos poderiam ser outra coisa. Poderia ser uma espécie de possessão, poderia até ser uma ilusão. Existem muitas possibilidades diferentes. Pode ser clarividência ou obter informações de outras fontes das quais você não tem conhecimento.

Depois de passar mais da metade de sua vida estudando vidas passadas, Stevenson aposentou-se do DOPS em 2002, passando o bastão para Greyson. Embora acompanhasse os procedimentos de longe, orientando quando solicitado, nunca mais pisou na divisão. Ele morreu de pneumonia cinco anos depois, aos 88 anos.

Muitas memórias são difíceis

Todos os anos, o DOPS recebe mais de cem e-mails de pais sobre algo que seus filhos disseram. Abordar a divisão é muitas vezes uma tentativa de esclarecer as coisas, mas os investigadores nunca prometem respostas. Sua única promessa é levar essas alegações a sério, “mas, em termos de o caso ser grande

o suficiente para ser investigado, o suficiente para potencialmente verificar se corresponde a uma vida passada, [as chances] são muito poucas”, disse Tucker.

Neste verão, Tucker dirigiu até a cidade rural de Amherst, Virgínia, para visitar um caso de possível memória de vidas passadas. Ele estava acompanhado pelos colegas Marieta Pehlivanova e Philip Cozzolino, que assumiriam a pesquisa no novo ano.

Pehlivanova, 43 anos, especializada em experiências de quase morte e crianças que se lembram de vidas passadas, está no DOPS há sete anos e inicia um estudo sobre mulheres que tiveram experiências de quase morte durante o parto. Quando conta às pessoas o que faz, elas acham o assunto fascinante e perturbador.

— Recebemos e-mails de pessoas dizendo que fazemos o trabalho do diabo — disse ela.

Ao chegar na casa da família, a equipe entrou na cozinha. Uma menina de três anos, a mais nova de quatro irmãos que estudavam em casa, espiou por trás das pernas da mãe, olhando timidamente. Ela vestia uma camiseta larga da Minnie Mouse e foi se sentar entre os avós em um banquinho, observando enquanto todos se sentavam ao redor da mesa da sala de jantar.

— Vamos começar do início — disse Tucker depois que a mãe da menina, Misty, de 28 anos, assinou a papelada. — Tudo começou com a peça do quebra-cabeça?

Alguns meses antes, mãe e filha olhavam para um quebra-cabeça de madeira dos Estados Unidos, no qual cada estado era representado por uma caricatura de uma pessoa ou objeto. A filha de Misty apontou com entusiasmo para a peça irregular que representava Illinois, que tinha uma ilustração abstrata de Abraham Lincoln.

— É Pom — exclamou a filha. Ele não está usando chapéu.

Na verdade, era um desenho de Abraham Lincoln sem chapéu, mas o mais importante é que embaixo da imagem não havia nenhum nome que indicasse quem ele era. Depois de semanas de conversas ininterruptas sobre como “Pom” sangrou até a morte depois de ser ferido e colocado em uma cama pequena demais — o que a família começou a pensar que poderia estar relacionado ao assassinato de Lincoln —, eles começaram a considerar que sua filha havia sido presente no momento histórico. E isso apesar de a família não ter nenhuma crença anterior na reencarnação nem qualquer interesse particular em Lincoln.

No caminho para Amherst, Tucker confessou sua hesitação em assumir esse caso específico, ou qualquer outro envolvendo uma pessoa famosa.

— Se você disser que seu filho era Babe Ruth, por exemplo, haveria muita informação na internet — disse ele. — Quando recebemos esses casos, geralmente é porque os pais estão envolvidos. É um pouco estranho sair da boca de uma criança de três anos. Agora, se ele tivesse dito que sua filha era Lincoln, provavelmente não teria feito a viagem.

Ultimamente, Tucker tem feito exames de imagem nas crianças.

— Quando pensamos que conhecemos a pessoa de quem estamos falando, mostramos a ela uma foto daquela vida e depois mostramos outra, falsa, de outro lugar, para ver se conseguem escolher a certa — disse ele. — Você precisa ter algumas fotos para que isso signifique alguma coisa. Tive um em que o cara se lembrava de ter morrido no Vietnã. Mostrei a ele oito pares de fotos; algumas delas ele não escolheu, mas nas demais acertou seis das seis. Então, você sabe, isso faz você pensar. Mas essa garota é tão jovem que não acho que possamos fazer isso.

Na ocasião, a menina não se engajou na conversa e estar dormindo. Depois, ela realmente acabou adormecendo.

— Ele participará em breve — garantiu Misty aos investigadores.

Com o passar dos minutos, Tucker decidiu que seria melhor deixar o teste das imagens para outro momento. A menina ainda dormia quando os investigadores retornaram ao carro.

Após o primeiro encontro, a única coisa a fazer é não fazer nada e esperar, para ver se as lembranças se transformam em algo mais concreto. Como a pesquisa de vidas passadas se baseia em memórias espontâneas, a equipe não está muito convencida sobre o conceito de regressão hipnótica.

— As pessoas são hipnotizadas e orientadas a voltar às suas vidas passadas e tudo mais, o que nos deixa bastante céticos — disse Tucker. — Muitas coisas também podem ser inventadas, mesmo que sejam lembranças desta vida.

O DOPS raramente leva em conta as histórias dos adultos.

— Eles não são nosso principal interesse em parte porque, como adulto, você foi exposto a muitas coisas — explicou Tucker. — Você pode pensar que não sabe coisas sobre a história, mas é provável que tenha sido exposto a elas. Mas, além disso, o fenômeno ocorre tipicamente em crianças pequenas. É como se carregassem as memórias e geralmente são muito pequenas quando começam a falar.

Também existe a preocupação de que os pais estejam buscando atenção.

— Há pessoas que dizem: "Bem, os pais só fazem isso para conseguir seus 15 minutos de fama ou algo assim" — disse Tucker. — Mas a maioria deles não se importa que alguém saiba, você sabe, porque é constrangedor ou porque temem que as pessoas pensem que seu filho é estranho.

Para uma criança, lembrar de uma vida passada pode ser difícil.

— Eles podem sentir falta das pessoas ou sentir que há assuntos inacabados — disse ele, continuando com voz contemplativa depois de um silêncio. — Francamente, provavelmente é melhor para a criança não ter essas memórias, porque muitas delas são difíceis. A maioria das crianças que se lembram de como morreram tiveram algum tipo de morte violenta e não natural.

Ajude as pessoas a se tratarem um pouco melhor

Os investigadores esperam que a ideia de que a mente sobrevive à morte corporal seja mais bem compreendida nos próximos anos e levada mais a sério.

— Duvido que haja uma descoberta ou um estudo que de repente convença a todos de que temos que mudar a forma como entendemos a realidade, mas acho que isso pode encorajar as pessoas a explorá-la — disse Tucker, referindo-se ao trabalho que tem sido feito no campo da pesquisa de vidas passadas no século passado.

Mas por que tudo isso importa?

A equipe do DOPS acredita que uma maior aceitação de que a vida é um ciclo contínuo poderia ter um efeito positivo na forma como vivemos.

— Isso certamente poderia influenciar a forma como as pessoas veem suas vidas — disse Tucker. — Acho que é uma visão mais esperançosa do que a ideia de que este é apenas um universo aleatório sem significado. É claro que as pessoas encontram isso em sua religião, mas, se pudessem ver que existe esse aspecto delas mesmas que continua, isso poderia ajudar com a dor e a ansiedade da morte e, você sabe, ajudaria as pessoas a se tratarem um pouco melhor. Haveria uma sensação mais forte de que estamos todos juntos nisso e que, novamente, esta não é uma existência sem sentido.

Tucker pensa menos no passado e mais no futuro iminente. Ele passou os últimos meses resolvendo pontas soltas antes de sua partida.

Uma coisa é certa: quem assumir a direção do DOPS se tornará o novo guardião do experimento de Stevenson. Afinal, existem mais de um milhão de combinações possíveis para a fechadura, e não há coincidência em adivinhar a correta. Muitos tentaram, alguns até tentaram recuperar o código do próprio Stevenson recorrendo à ajuda de médiuns espirituais, em vão.

Quanto a Tucker, ele planeja se mudar para a Carolina do Sul com a esposa para ficar mais perto dos netos.

— Estou pensando em virar a página e começar um novo capítulo — disse ele.

Uma nova vida, talvez?

— Exatamente. Embora não seja assim que usamos esse termo aqui — disse ele com um sorriso.

Fonte: *O Globo/revista Época*

Nossos comentários

Temos o trabalho do **Dr. Ian Stevenson** na mais alta conta, pela seriedade deste cientista honrado, bem como pela positividade e utilidade de sua obra. Por conseguinte, seu sucessor, **Jim Tucker**, igualmente merece nossa estima, por ter dado continuidade à pesquisa do seu mestre com a mesma competência.

A memória de vidas passadas, especialmente em crianças, é, de fato, uma das mais fortes evidências da Lei de Reencarnação, se bem as deduções filosóficas (em especial as feitas na codificação espírita, por **Allan Kardec**) já sejam robustas o suficiente para todo o arranjo dos principais problemas referentes ao sentido da vida e organização do Universo, para que tenhamos a justeza da crença em **Deus** e seus atributos essenciais de bondade, sabedoria e justiça.

À vista das conclusões filosóficas, o papel da ciência se torna secundário; afinal, se as pessoas não estiverem consciencialmente comprometidas com uma postura moral, a ponto de fazê-las repensar seu comportamento perante o próximo, o meio ambiente e a Divindade, que força pode ter uma prova científica? Ainda que as academias sancionem a verdade da imortalidade da alma, da lei de reencarnação, da soberania divina, e ainda que todos os cientistas assinem e façam dessas provas todas um "dogma científico", que proveito terá para aquele cuja cultura de vida é a do materialismo, do egoísmo e do orgulho?

Em suma, a pessoa precisa entender e absorver uma cultura espiritualista, para então desenvolver a força moral e magnética para transformar sua vida e dar um salto evolutivo, ou pelo menos um passo.

É aqui, então, que entra o papel do Espiritismo: ajudar as pessoas a descobrirem em si mesmas a sua própria essência espiritual. Por isso, fazemos apologia a esta doutrina de luz e consolação.

Ajude-nos nessa campanha, compartilhando nosso trabalho com seus familiares e amigos”.

Revista Luz Espírita, janeiro/2025

DINÂMICA ESPÍRITA

Editor:

Plínio J. Marafon

Jornalista – MTb nº 9.727/72

Mandem-nos artigos para publicarmos.

Opiniões sobre a revista e pedidos

para recebê-la via e-mail:

dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br